

Reunião de caciques deixa quadro crítico

ELIANA LUCENA
Enviada especial

Do polêmico encontro de chefes indígenas realizado em Roraima, e que foi dissolvido pela Funai, sobrou, além do rompimento agora sacramentado entre a Fundação e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) o depoimento de quase 50 "tuxaús" (caciques), que delinearam um quadro realmente crítico da situação de parte representativa dos 25.000 índios que vivem no território. Quase todos os grupos tiveram suas terras invadidas pelas grandes fazendas que estão se instalando em Roraima, onde os pastos naturais têm despertado a cobiça dos criadores de gado. Ilhados em suas malocas, já cercadas pelas fazendas, os chefes denunciaram que os novos proprietários têm incentivado o alcoolismo entre os índios, proibindo-lhes, ainda, atividades como a pesca, a caça e o plantio.

Embora o encontro tenha sido realizado à sua revelia, o que levou o presidente da Funai a determinar a paralisação dos trabalhos no segundo dia, o próprio organismo de assistência aos índios admitiu, esta semana, que a situação das tribos de Roraima é realmente crítica e que, até agora, não dispõe de recursos para promover o complexo trabalho de discriminação e demarcação de suas terras. A dificuldade dessa tarefa é mais acentuada pelo fato de os índios ali viverem espalhados em centenas de malocas. Segundo um levantamento feito pela Funai, caso fosse projetada uma única reserva para os índios macuxi, tauarepang e upixana, ela englobaria praticamente todo o município de Boa Vista, sendo por este motivo, mais provável que se decida demarcar pequenas áreas em torno das malocas para cada comunidade.

AUTOCRÍTICA

Já em avançado estágio de aculturação, apesar da sua situação de pobreza, os índios que participaram do encontro na sede da majestosa missão Consolata, às margens do rio Surumu, a poucos quilômetros da fronteira do Brasil com a Venezuela, apontaram, sem exceção, problemas com fazendeiros. O tuxaua Cirilo, da tribo macuxi, fez uma auto-crítica que dá a dimensão do problema de seu povo.

"Nós pensávamos que os civilizados fossem nossos irmãos. Nós ajudamos esses homens a crescer, entregando a nossa riqueza para eles. Eu quero dizer: nós es-

tamos errados. Pensamos que eles eram bons como nós. Como não conhecemos as leis desses homens, somos sempre enganados. Porque somos um povo atrasado. Os civilizados, depois que receberam a nossa ajuda, deram um pontapé na gente e agora estamos sofrendo e somos seus escravos. Nós agora temos que deixar de ajudar os brancos. Eles chamam a gente de preguiçoso, porque não temos mais nada na maloca. Mas acontece que temos trabalhado para eles dentro do nosso próprio terreno e até mesmo nas cidades. Tem muito índio vaqueiro e tem muita moça índia trabalhando para eles, por isso não temos gente para trabalhar na roça e cuidar das nossas casas".

Nessa fase de crescente conscientização, os índios que falaram durante o encontro demonstraram que estão querendo reassumir sua identidade étnica, da qual muitos ainda se envergonham.

Mas o cacique Tarixara ainda reclamou que não consegue exercer uma liderança efetiva junto aos seus companheiros.

"Estão todos esquecendo a nossa gíria — os índios assim se referem a sua língua original — e nem sabem mais dançar e cantar as nossas músicas. Eles agora só querem saber de forró e ficam rindo dos índios mais velhos".

Realmente a observação do índio pôde ser constatada no primeiro dia do encontro. Depois do jantar, os participantes se reuniram no patio da missão e, a pedido dos missionários, cantaram algumas músicas macuxis. Só alguns chefes mais idosos sabiam as canções, mesmo assim algumas delas aproveitando as velhas músicas mas com letras adaptadas na língua indígena, dentro de uma temática cristã. Os mais moços riam dos idosos, que improvisaram a marcação do ritmo com uma

lata cheia de feijão, fixada num pedaço de pau.

TUTELA

A grande questão, motivo das mais acirradas discussões nos últimos meses, se prende exatamente à idéia de que as populações nesse estágio já estariam em condições de ser emancipadas, perdendo a tutela garantida pelo Estatuto do Índio. Mas, na verdade, estas indicações não estão intimamente ligadas ao grau de preparação do índio para perder a tutela, seja da Funai ou das missões religiosas. Os índios presentes ao encontro, por exemplo, ainda precisavam, por muito tempo, da orientação e apoio dos órgãos encarregados de sua assistência, pois, apesar de estarem compreendendo melhor os valores da sociedade envolvente, ainda cometem atos absurdos, como trocar um pedaço de terra por um boi.

Os índices de alcoolismo entre eles têm crescido. "São os próprios fazendeiros — contou um índio — que levam muita cachaça para a gente fazer festa. Minha turma não me quer mais porque eu não quero mais deixar que eles bebam. Parece que o fazendeiro quer ver o tuxaua sempre bêbado porque assim ele nos engana melhor. Eu sei que nós nascemos para viver, comer e beber, mas não é para abusar, né?"

Os índios presentes ao encontro representavam cerca de 10.000 macuxis, tauarepang e upixana, em geral empregados nas grandes fazendas como peões. Valdir, da maloca maracanã, contou que, como segundo capataz, ganha um salário de 20 cruzeiros por dia. "Acontece que nós não temos onde comprar as coisas que precisamos e os patrões aproveitam para vender mercadoria muito cara. Uma blusa, por exemplo, custa 180 cruzeiros e, no fim do mês, temos uma dívida com o fazendeiro maior do que o nosso salário."